Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa

Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa

ADRIANA VAREJÃO E AS MISCIGENAÇÕES

WORDS LUISA DUARTE | PHOTO CRISTIAN GAUL | IN ENGLISH, SEE PAGE 134

Artista apropria-se de narrativas estabelecidas para revelar os seus avessos

Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa

Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa

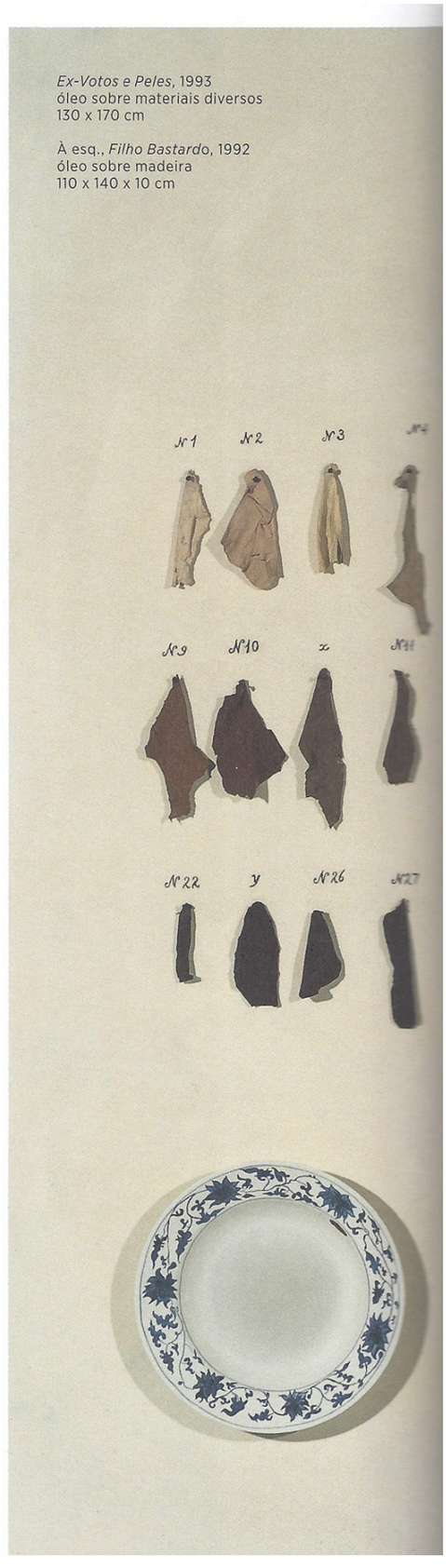
"POLVO" PODE SER DEFINIDO como um molusco marinho da ordem dos octópodes, que significa oito pés. Os polvos dispõem de oito braços com fortes ventosas à volta da boca. Possuem um corpo mole, flexível, não têm esqueleto interno ou externo. Como meio de defesa, liberam uma tinta que exerce o papel de camuflagem protetora. Esse pigmento é semelhante à melanina humana, que fornece cor para o cabelo e a pele. E ainda, a palavra "polvo" em português tem proximidade fonética com a palavra "povo".

Tal como a obra de Adriana Varejão, o polvo é barroco, espalha-se, evoca desperdício. É devorador e múltiplo em seus tentáculos. A tinta que ele libera para se proteger, escura, pode ser, quem sabe, a tinta preta que o território da cultura não produz para as peles pretas.

Polvo, de 2014, ecoa obras anteriores de Adriana Varejão, como *Ex-votos e peles* (1993), e *Testemunhas oculares, x, y e z* (1997). Em ambas estão postas questões como miscigenação, cor, catalogação, colonialismo e autorretrato. Em *Ex-votos e peles* vemos um corpo de mulher desmembrado, pratos adornados e uma série de pedaços de cores/peles enfileirados, indo do mais claro ao mais escuro, do branco ao preto, catalogados, numerados. Ou seja, a artista realizava ali, mais de vinte anos atrás, uma taxonomia que organizava e numerava uma variedade de cores/peles/raças. Inspirada nos desenhos produzidos por expedições científicas, Varejão torna-se uma espécie de artista viajante, classificando uma série de diferenças entre tonalidades/raças locais.

A presença de um vocabulário insuspeito, exótico e sobretudo sintomático de nossa situação social e identitária foi encontrada em uma pesquisa de campo elaborada pelo IBGE em 1976: a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). O censo oficial brasileiro classifica comumente as pessoas em cinco grupos diferentes de acordo com sua cor de pele: branco, preto, vermelho, amarelo e pardo. Naquele ano, porém, a pesquisa domiciliar introduziu uma questão em aberto: "qual é a sua cor?". O resultado foram 136 termos, alguns deles inusitados, cujos significados são muito mais figurativos do que literais. As respostas relevam o quanto a noção de raça é subjetiva.

Adriana selecionou 33 designações vinculadas a uma inter-



Ex-Votos e Peles, 1993
óleo sobre materiais diversos
130 x 170 cm

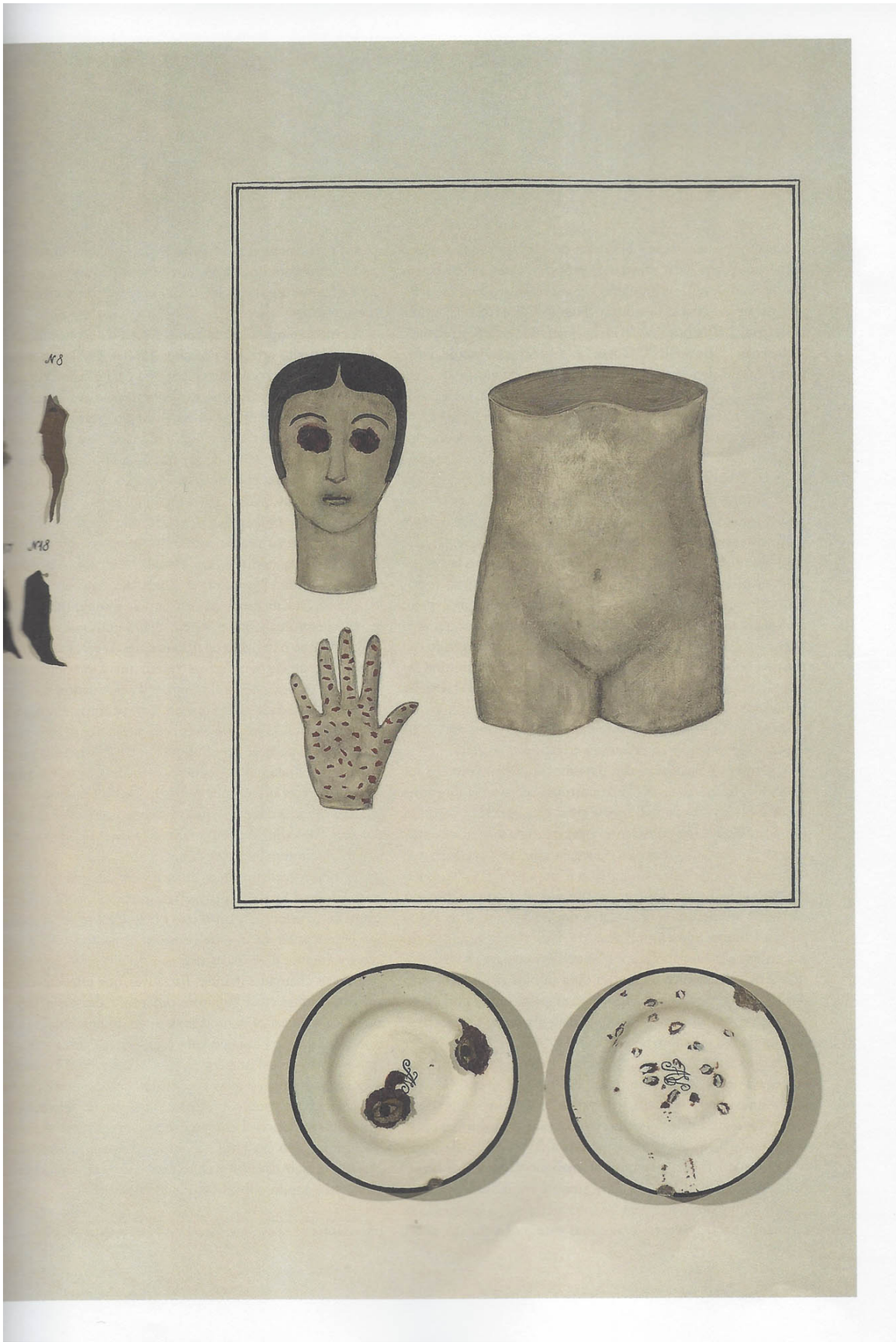
À esq., *Filho Bastardo*, 1992
óleo sobre madeira
110 x 140 x 10 cm

Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa



Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa

As imagens ao lado assim como a da primeira página fazem parte de uma instalação que a artista irá apresentar no Dallas Contemporary

pretação especificamente brasileira de cor como pressuposto social, e a partir delas criou suas próprias tintas a óleo baseadas nesses modos de o brasileiro ver a si mesmo no que se refere a sua pele. Estão aí os nomes "Fogoió", "Enxofrada", "Café com leite", "Branquinha", "Burro quando foge", "Cor firme", "Morenão", "Encerada", "Turva" e "Queimada de sol", entre tantas outras denominações tão singulares quanto essas. Para cada uma dessas "cores/raças" foi criada uma tinta. Para as tintas, surgiram tubos, rótulos e uma bela caixa envolta em tecido. Estamos diante de um objeto sofisticado, de natureza conceitual, ordenada, mas que guarda fortes vínculos com o mundo da vida. A artista pega no ar o quanto as classificações oficiais são redutoras para a pluralidade que experimentamos e instaura um espaço concreto para aquilo que ainda não encontrava representação, criando assim uma taxonomia heterodoxa.

O último estágio de *Polvo* são os autorretratos, nos quais as cores ocupam um lugar que discute raça, miscigenação. Mas vejam, não são exatamente autorretratos, pois não foi Adriana quem pintou a si mesma, seus autores são desconhecidos. Há aqui uma intencional diluição de autoria, bem como de qualquer traço expressivo. Sobre esses rostos a artista realiza diferentes pinturas faciais de origem indígena, de natureza geométrica muitas vezes, tomadas de livros de história. Por fim, entre os retratos, vemos pinturas abstratas que trazem somente tabelas de cores com os 33 tons de peles retirados da pesquisa e criados pela artista.

A natureza geométrica dos desenhos indígenas merece ser lembrada. O gesto geométrico costuma ser associado a uma razão moderna ocidental, forma pura que refletiria o sonho moderno do Ocidente. Ao se apropriar de tais formas de natureza indígena e inseri-las na sua face, Adriana instaura uma *geometria sensível* que tem como alvo o rosto, a pele, ou seja, os índices de vida. Estamos diante de um trabalho que se apropria de signos modernos e os devolve deglutidos, sob uma égide profundamente contemporânea.

Um ano e meio depois de expor pela primeira vez a série *Polvo*, a artista desenvolve uma nova obra calcada em um método similar ao anterior. O resultado dessa etapa nascente poderá ser visto na mostra Kindred Spirit, a ser inaugurada no Dallas Contemporary em setembro de 2015.

Aqui permanecem os autorretratos, mas no lugar do debate sobre a noção de raça no Brasil, a artista vale-se do contexto norte-americano no qual a sua exposição aterrissa. Nos trabalhos atuais a artista faz referência tanto a pinturas sobre a face de ornamentos de índios norte-americanos do século XIX, quanto a obras de artistas ligados ao minimalismo daquele país como Agnes Martin, Donald Judd, Tony Smith e Frank Stella.

Se o minimalismo na sua assepsia pode ser considerado o momento no qual a arte dá as costas para o ornamento, assim como para a natureza, Adriana realiza uma aproximação insuspeita entre esses dois polos. Os modos dos índios se adornarem e fragmentos de trabalhos da *minimal* convivem sobre um mesmo rosto.

A artista apropria-se das linhas retas e da economia de cores do movimento artístico dos anos 1960 e 1970, mas note, essa apropriação tem como alvo o corpo, a pele, a face. Ou seja, mesmo nas telas nas quais vê-se somente um índice de uma pintura de Martin, por exemplo, essa aproximação improvável encontra-se instaurada. Pois o que temos é um elemento de uma vertente artística que recusava deixar qualquer lastro da presença humana, repousando justamente no coração do sujeito, o seu rosto.

Nas telas nas quais ornamentos indígenas mesclam-se com fragmentos de obras *minimal*, a subversão torna-se ainda maior. Reunir o que aparentemente possui gavetas distintas na história da arte e da cultura é um gesto de reescrita das grandes narrativas; é nos fazer pensar que, talvez, tal como sinaliza o título da exposição Kindred Spirit, estejamos diante de almas gêmeas, parentes espirituais, que possuem algum ponto de convergência eclipsado que o trabalho de Adriana nos faz recordar.

Se os ornamentos indígenas trazem uma forte carga simbólica e mesmo prática, possuindo inúmeros significados, nos ofertando uma visualidade riquíssima em cores e formas, o minimalismo na sua aversão ao mundo corpóreo não nos deixou uma herança menos potente no campo da estética. A escolha por cores primárias e o seu uso de maneira comedida, as linhas sucessivas que faz parecer que vemos o mesmo, ainda que possua sempre alguma mínima diferença: tudo isso que pareceria habitar polos opostos, como linhas que correm em paralelo, pode, sim, ter um ponto de convergência, uma intersecção.

Ao nos recordar essa chance através de seus autorretratos para Kindred Spirit, a artista mais uma vez opera em um registro tanto estético, quanto ético. Não trata-se de um ato meramente maneirista este de relacionar manifestações a princípio totalmente dissociadas, mas sim de um gesto questionador diante das chamadas grandes narrativas, que estabelecem fronteiras estanques entre capítulos distantes na história. Que vestígios da *minimal* podem atravessar ornamentos indígenas? O que possuiria de lastro de vida e influências dessa cultura dos índios norte-americanos na assepsia minimalista? Nos endereçar essas perguntas, e mais, colocar em cena uma miscigenação insuspeitada do campo estético é o que faz de Adriana Varejão uma artista incansável em seu desejo de reescrever as narrativas vencedoras. Isso em favor de outras nas quais as ideias de raça, cânone, e, logo, das Histórias contadas sob um único ponto de vista, estão a todo o momento sendo questionadas.

LUISA DUARTE é crítica de arte e curadora. Vive entre o Rio de Janeiro e São Paulo

Galeria Fortes Vilaça
Rua Fradique Coutinho 1500 | 05416-001 São Paulo Brasil
T +55 11 3032 7066 | F +55 11 3097 0384
www.fortesvilaca.com.br | galeria@fortesvilaca.com.br

Artigo

Evento: Obra Adriana Varejão

Mídia: Jornal
Veículo: Harper's Bazaar Brasil Art
Autor: Luisa Duarte
Data / Edição: Set-Out 2015 / Nº 5
Seção: Capa